

O RISO FRENTE AO SISO? PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS NO ESTUDO DO ROMANCE CABO-VERDIANO

Eidson Miguel da Silva Marcos¹
Amarino Oliveira de Queiroz²

O discurso literário cabo-verdiano, marcado por temas como a seca e a emigração apresenta, no período de pós-independência, possibilidades de apreensão caracterizadas por um viés abertamente humorístico. O presente estudo recorta tal experiência, assimilando a prosa de Arménio Vieira e privilegiando aspectos da narrativa romanesca de Germano Almeida como espaços discursivos nos quais a paródia e o humor se inserem, pela via ficcional, como importantes elementos de aferição crítica de seu contexto sócio-histórico. O presente trabalho surgiu a partir da leitura do livro *O Testamento do Senhor Napumoceno*, de Germano Almeida, sendo apresentado na forma de seminário, como atividade da disciplina Tópicos Especiais em Literatura Portuguesa I, componente curricular do Curso de Licenciatura em Letras UFRN/CERES – Currais Novos.

Nas linhas que seguem buscaremos verificar, por meio da análise de alguns recursos como o foco narrativo e o discurso paródico, como se dá a construção da crítica social presente na obra em questão. Recentemente contemplado com a indicação do Prêmio Camões, o poeta, jornalista e prosador Arménio Vieira, mais conhecido pela sua poesia, empreendeu bem sucedida experiência na prosa, sobretudo através da publicação do romance *O Eleito do Sol*. De igual maneira, o nome de Germano Almeida vem se destacando dentro do universo contemporâneo das letras cabo-verdianas, incrementando, através de seus escritos, uma abordagem crítica diferenciada daquela que consagrou alguns dos mais representativos escritores cabo-verdianos ao longo do século XX, pelo investimento na paródia e na crítica social.

O discurso paródico e o foco narrativo são os elementos que nortearão a nossa apreciação crítica, concentrada em torno do romance *O Testamento do Sr. Napumoceno*. Advogado experiente e autor de mais de 12 romances, Germano Almeida é natural da ilha de Boa Vista, Cabo Verde, onde nasceu em 1945. Ex-procurador da República e ex-deputado eleito pelo Movimento Para a Democracia de Cabo Verde, foi também diretor do jornal *Agaviva*, tendo enveredado também pela crônica, gênero em que seapura o caráter humorístico de sua escrita.

Virtualmente bilíngue, Cabo Verde é uma nação oficialmente lusófona, constituindo-se por dez ilhas banhadas pelo oceano Atlântico. Os registros históricos oficiais dão conta de que o arquipélago foi descoberto em 1460 por Diogo Gomes, a serviço da Coroa Portuguesa, o qual teria encontrado as ilhas desabitadas e, aparentemente, sem indícios de presença humana anterior. Foi colônia portuguesa desde o século XV até 1975, ano em que proclamou sua independência.

Quanto à trajetória histórica da expressão literária cabo-verdiana, podemos perceber seu desdobramento em três fases marcantes: uma primeira, que englobaria a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX, com forte influência portuguesa, era marcada por uma tendência pró-cânone europeu ocidental. O ano de 1936 corresponde ao marco inicial de uma nova fase literária: nesse momento é fundada a revista *Claridade*, que surge em meio a eventos contundentes a nível mundial (efeitos da quebra da bolsa de Nova Iorque, avanço da Social Democracia e ascensão do

¹ Eidson Miguel da Silva Marcos é professor de Língua Portuguesa e Literaturas ligado à base de pesquisa Literatura e Sociedade/UFRN Currais Novos.

² Amarino Oliveira de Queiroz é professor adjunto do curso de Letras da UFRN Currais Novos.

fascismo na Europa, que se propaga pelo mundo) e a nível local emerge no seio de um movimento social que reivindica reformas políticas e culturais para a nação.

No campo literário se busca principalmente o rompimento com os cânones do colonizador e a criação de uma identidade cabo-verdiana, sendo a revista literária *Claridade* um destacado meio divulgador dessas idéias. Tão destacado que veio a dar nome à geração literária de então e constituir-se num marco divisor:

Do ponto de vista político-ideológico, a intenção da revista era criar um ideário próprio para afastar definitivamente os escritores de Cabo Verde dos cânones portugueses e [levá-los a] exprimir a voz coletiva do povo cabo-verdiano, naquilo que ele possui de mais autêntico (LARANJEIRA, 1995, p. 190)

Um terceiro momento da literatura cabo-verdiana é representado pela chamada “Geração da Certeza”, nome de outra revista literária que circulou no país, também fundada em meio às transformações que tiveram lugar na época. De marcada influência marxista, abria mão de projetos de cunho nacionalista como a construção de identidade nacional e o rompimento de cânones coloniais, para se voltar com mais empenho à crítica da desigualdade das estruturas sociais. Toda essa história desemboca na contemporânea expressão literária de Cabo Verde, a qual buscaremos ilustrar neste nosso recorte.

O romance em questão gira em torno do testamento do senhor Napumoceno da Silva Araújo, abastado comerciante da cabo-verdiana cidade do Mindelo, localizada na ilha de São Vicente, que, dez anos antes de morrer, escreve um documento de 387 laudas. Olhando para a trajetória de vida do autor Germano Almeida, e lendo *O Testamento do Sr. Napumoceno*, é natural perceber uma influência dela sobre a obra, uma “literatura engajada” nas perspectivas políticas que marcaram a existência do autor cabo-verdiano. É percebida, na obra de Germano Almeida, uma proposta já adotada em outros períodos da literatura mundial: “usar” a literatura como arma de denúncia social, que analisa e expõe os males sociais, bem como as origens desses males para a sociedade, a fim de combatê-los. Acreditava-se que, diagnosticando um problema e conhecendo a sua causa, seria possível encontrar uma solução. Vejamos.

De pobre imigrante descalço o sr. Napumoceno da Silva Araújo torna-se um abastado comerciante do Mindelo. Pela vida metódica que levava, ninguém poderia imaginar que houvesse muita novidade na existência de um comerciante solteirão, mas, nas páginas onde registrou a própria vida, recheadas de acontecimentos que surpreenderiam os habitantes da cidade, o senhor Napumoceno acaba protagonizando um panorama do cotidiano de uma cidade cabo-verdiana antes da independência de Portugal.

O romance inicia com a narração do momento da abertura e leitura do testamento diante de um pequeno auditório, composto por dois amigos e um sobrinho do finado. Na seqüência, são apresentados os desdobramentos que as revelações contidas no documento provocam nas vidas das pessoas mais diretamente ligadas ao Sr. Napumoceno, e que tinham conhecimento dos eventos relatados no testamento, especialmente Carlos Araújo e Maria da Graça, respectivamente um sobrinho e a filha bastarda do falecido.

A narrativa segue intercalando dois momentos temporais: um que apresenta o desenvolvimento da vida de alguns personagens já influenciados pelo conteúdo do testamento, e outro, mais recuado, que mostra a vida desconhecida e surpreendente do Sr. Napumoceno. Vida marcada por uma trajetória que começa na pobreza característica de uma parcela dos naturais das ilhas cabo-verdianas, passa pela possibilidade,

aproveitada por Napumoceno, de enriquecimento no comércio local e chega ao apogeu da vida de um abastado e respeitado comerciante mindelense, vivendo publicamente nos moldes da mais exemplar conveniência, ocultando práticas nada ortodoxas de alto favorecimento e uma vida privada marcada por casos amorosos que a boa conveniência dos costumes manda que permaneçam desconhecidos do público.

O tempo e o espaço que permeiam a obra coincidem com períodos políticos emblemáticos na história de Cabo Verde. Essa construção do espaço, do tempo e das personagens em *O Testamento do Sr. Napumoceno*, com os elementos específicos que remetem a certos períodos marcantes da trajetória da terra natal do autor, certas características de grupos sociais, de figuras da comunidade, levam o leitor a configurar impressões determinadas, ligadas a pontos de vista da realidade que contemplam conceitos valorativos da sociedade em seus vários aspectos morais, sócio-econômicos etc.

Somos levados a crer que o autor, ao escrever o romance em questão, estaria movido pelo intuito de esboçar, na obra, um quadro crítico da realidade em que vivia, apontando “problemas” (corrupção, promiscuidade etc.) a partir da análise dos quais se vislumbram soluções possíveis. Percebemos isso melhor ao verificarmos mais detidamente dois aspectos de *O Testamento do Sr. Napumoceno*: o foco narrativo e a paródia. Esses dois elementos possuem papel decisivo na construção dos sentidos no romance de Germano Almeida. O sujeito que narra a história, o lugar de onde narra, assim como os pontos de vista que assume são fundamentais para a construção do(s) sentido(s) do romance, pois o narrador contemporâneo, segundo nos informa Silviano Santiago (2002:47), “sabe que o “real” e o “autêntico” são construções da linguagem”.

Quanto à paródia, podemos destacar que ela também terá uma função crucial na constituição da mensagem do romance pelo seu caráter instaurador “do novo e diferente”, pois ela “é sempre inauguradora de um novo paradigma. De avanço em avanço, ela constrói a evolução de um discurso.”, conforme assegura Afonso Romano de Sant’Anna (1985:27), que ainda afirma ser a paródia “Uma nova e diferente maneira de ler o convencional. É um processo de libertação do discurso. É uma tomada de consciência crítica”, considerações oportunas para a análise do romance em questão.

Atentando para o foco narrativo, vemos que a voz que narra os acontecimentos está de fora da ação, ou seja, é um observador a relatar o que vê:

Uma nova luz sobre a vida e pessoa do ilustre extinto, foi como o sr. Américo Fonseca, já a caminho de Lombo de Tanque, definiu a abertura do testamento do sr. Napumoceno. E o sr. Armando Lima, com o seu rigor de contabilista aposentado, precisou que a luz parecia total. E andando ao lado do sr. Fonseca ia filosofando que nenhum homem poderá alguma vez pretender conhecer outro em toda a extensão e profundidade do seu mistério.” (ALMEIDA, 1996, p. 14).

O romance inicia e segue com a apresentação do testamento do sr. Napumoceno, as revelações que ele continha e os desdobramentos que provocam na vida das personagens. Quem nos apresenta esses fatos é um narrador que não está vivenciando os acontecimentos, que não é nenhuma personagem do romance.

A predominância no texto de verbos nos pretéritos perfeito e imperfeito apontam que estamos diante de eventos já passados, trazidos até nós por uma voz que viu tudo e agora nos relata, uma voz que observou todos os detalhes fenomenológicos e psicológicos dos acontecimentos de um ângulo privilegiado e agora procura passar tudo, fielmente, ao leitor:

A leitura do testamento cerrado do Sr. Napumoceno da Silva Araújo consumiu uma tarde inteira. Ao chegar à 150ª página o notário confessava-se já cansado e interrompeu mesmo para pedir que lhe levassem um copo d'água... E após isso feito, todos os presentes apertaram a mão que contrafeito Carlos lhes estendia e apresentaram-lhe as suas mais sentidas condolências. Carlos fez das tripas coração e inventou forças para um sorriso e um porra para toda esta merda! (ALMEIDA, 1996, ps. 11 e 12).

Seguindo Norman Friedman, apud Chiappinni (1991) em sua tipologia do narrador, o romance apresenta um narrador onisciente intruso, que se caracteriza pela liberdade de narrar, adotando um ponto de vista divino, Também narra da periferia dos acontecimentos ou do centro deles. Este observador apresenta traços de onisciência ao rememorar fatos passados, promovendo digressões na narrativa, e demonstra conhecer o que se passa na mente das personagens, conforme se pode observar no fragmento abaixo:

Não obstante, podia ter causado estranheza e levado os vizinhos a pensar coisas o fato insólito de ao ouvir pela rádio a notícia do passamento do conceituado comerciante da nossa praça e um dos esteios mais vibrantes da nossa cidade – o sr. Napumoceno da Silva Araújo -, d. Chica ter-se lançado aos gritos pela casa chorando o meu protetor, o meu deus, que vai ser de mim agora etc., em tudo muito diferente da comedida dor manifestada na morte do seu defunto Silvério que, paz à sua alma, não tendo sido um modelo de virtudes não fora também nenhum canalha. Porém, na confusão do abalo de d. Chica a dar faniquito, necessidade de imediata água d'açúcar, carregá-la para o fresco da rua, mulheres a despi-la do corpete e demais peças impeditivas de entrada de ar, d. Chica esparramada na cadeira de lona – ninguém se lembrava de somar dois e dois e o pormenor passava despercebido. (ALMEIDA, 1996, p. 16).

O narrador também apresenta traços de intrusão, pois tece comentários acerca da vida das personagens e da situação em questão, predominam seus pensamentos e percepções. Ele chega mesmo a hipotetizar a cerca da causa de determinadas circunstâncias.

em segundo lugar pelas próprias revelações de d. Chica que acabou por achar de seu dever confidenciar com a filha os pormenores da sua concepção – viu-se o que a muito poderia ter sido visto, isto é, aquele cabelo preto fino era o mesmo cabelo do falecido, a testa alta era dele sem tirar nem pôr e a própria postura da moça não era de ascendência de mulher de limpeza e certamente que sangue comercial girava naquelas veias.” (ALMEIDA, 1996, p. 15)

Santiago (2002), ao abordar a questão do narrador na pós-modernidade caracteriza-o como uma espécie de jornalista, que transmite uma informação através do ato de narrar, que escreve para relatar o que aconteceu a outros.:

o narrador pós-moderno é aquele que quer extrair a si da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou de um espectador. Ele narra a ação enquanto espetáculo a que assiste (literalmente ou não) da platéia, da arquibancada ou de uma poltrona na sala de estar ou na biblioteca; ele não narra enquanto atuante. (SANTIAGO, 2002, p. 45).

A proposta de um jornalista, ou de um espectador, ao relatar algo que presenciou é retratar algo tal qual o viu (ou tal qual é), ou seja, é relatar fatos. Postura semelhante à de um cientista que, utilizando-se do método observativo, procura determinar quais causas, quais mecanismos quais logísticas estão por trás de fenômenos e/ou objetos. Claro que em se tratando de literatura e do tema da obra em foco, a questão não estanca nesse limite, pois, ainda segundo Santiago,

o narrador pós-moderno é o que transmite uma “sabedoria” que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência. Nesse sentido, ele é o puro ficcionista, pois tem de dar “autenticidade” a uma ação que, por não ter o respaldo da vivência, estaria desprovida de autenticidade. Esta advém da verossimilhança, que é produto da lógica interna do relato. O narrador pós-moderno sabe que o “real” e o “autêntico” são construções de linguagem. (SANTIAGO, 2002, pp. 46/47).

Desta feita a voz narradora apresenta, através do pensamento da personagem Graça, uma teoria que tentaria justificar a situação moral da ilha de São Vicente:

São Vicente é uma ilha de povoamento recente, feito com recursos aos naturais das outras ilhas que a seca, a falta de trabalho e outras misérias forçaram a migração. Ora essas criaturas abandonam ilhas de fortes tradições próprias e já com enraizadas formas de estar no mundo para de repente se lançarem num espaço não só agreste como também relativamente hostil e onde, para sobreviver, são obrigados a miscigenar diferentes culturas regionais com o conseqüente prejuízo de nenhuma delas ser suficientemente majoritária para se impor. E é esta circunstância, mais a ausência de uma ancestral ligação a esta terra, que faz do homem de São Vicente um ser leviano e fluido... (ALMEIDA, 1996, p. 131).

Mas como se tudo isso já não fosse suficiente, a população que habita esta ilha, viu-se logo no início do processo de formação daquilo que poderia vir a ser uma sui generis cultura regional, submetida e influenciada por uma outra cultura, a inglesa, não só poderosa como rígida e dominadora e que por isso mesmo passou a ser o ponto de referência essencial para todo residente desta ilha, sem prejuízo, bem entendido, da constante passagem de outras formas culturais estrangeiras menos notórias mas nem por isso menos marcante, e a conseqüência de tudo isto é na verdade de o homem de São Vicente ser o mais inautêntico de Cabo Verde.” (Op. Cit. p. 132).

O sujeito que observou os eventos teoriza a respeito das causas dos fatos relatados. Através da estrutura causa-efeito é mostrada ao leitor a sistemática de um meio social, um olho que “enxerga” a essência dos fenômenos e se utiliza de uma “voz” jornalística/científica para apresentar a “realidade” essencial dos fatos.

Detenhamo-nos agora no outro elemento que elegemos como foco de análise desse trabalho: a paródia. No geral, a paródia pode ser entendida como um texto que perverte, ironiza o sentido de outro texto. No romance que embasa nosso estudo, a paródia se dá na perspectiva de uma representação da realidade social mostrada também pelo avesso, ou mostrada em aspectos que despertam conceitos e sentimentos contrários

aos que normalmente se quer despertar, como o riso, o julgamento negativo etc. Ao produzir um texto descrevendo lugares, tipos humanos e momentos históricos, nomeando-os e associando-os a lugares, períodos e seres reais, agregando à narração de fatos corriqueiros, acontecimentos considerados vis, corruptos, violadores de um código de ética humano, Germano Almeida cria uma representação burlesca dessa realidade, uma paródia dela. Quando, por exemplo, ao lado do metodismo compulsivo do sr. Napumoceno são apresentados detalhes da vida pessoal do mesmo:

Porém, muitas vezes deseja-se uma mulher e não um filho dela tendo em atenção as mais diversas circunstâncias sociais e sem dúvida que sofrera um terrível choque ao saber que a Mari Chica, sua empregada de limpezas, estava grávida dele seu patrão, porque era uma paternidade não só indesejada como impossível de ser publicamente assumida. Pensou num aborto local mas viu que daria muito nas vistas. Assim optou por mandá-la para Lisboa, seria uma despesa que a firma estava em condições de suportar. (ALMEIDA, 1996, p. 126).

No entanto, a construção do efeito parodístico não depende somente da intenção do autor e dos recursos que utiliza na elaboração da obra. Segundo Sant'Anna (1985:26), a constituição de efeitos parodísticos são também (ou essencialmente) “relativos ao leitor. Isto é: depende do receptor”.

Para que a paródia se verifique na leitura de *O Testamento do Sr. Napumoceno*, é necessário que o leitor tenha um mínimo de conhecimento prévio do contexto que o romance procura retratar e ainda compartilhar dos conhecimentos que conformam os pontos de vista/ideologias seguidos pelo autor do mesmo. Isso não significa que uma obra como *O Testamento do Sr. Napumoceno* se resume à mera visão particular de um único indivíduo; não, ela reflete, além de uma faceta real de um contexto, uma tomada de decisão, uma adoção ou construção de novos conceitos, referências e posturas diante de uma realidade, não por um indivíduo apenas, mas por um determinado grupo, representante de uma coletividade maior.

Ao distorcer uma imagem construída por um discurso inicial, a paródia prima por erigir novos discursos, novas atitudes. Sant'Anna (1985:27) constata que “a paródia, por estar ao lado do novo e do diferente, é sempre inauguradora de um novo paradigma”.

Ao olharmos para a história de Cabo Verde percebemos que as artes, destacadamente a literatura, desempenharam um papel de grande relevância nas lutas dos cabo-verdianos em busca de liberdade, igualdade e emancipação nacional. Daí podemos perceber que a paródia, tal como se verifica no romance de Germano Almeida, representa um elemento de construção desse novo paradigma de vida do povo cabo-verdiano, desde a proposta de formação da identidade nacional até a construção de um país mais democrático, de uma sociedade mais justa. É a perspectiva de uma coletividade.

O efeito parodístico presente em *O Testamento do sr. Napumoceno* constituiria elemento representante de uma psique coletiva, de uma tomada de consciência crítica. Sobre isto Sant'Anna (1985) ressalta que:

pode-se entender a paródia como algo mais que uma representação, mais que um simples efeito teatral. E nessa direção é preciso recuperar a palavra *representação* num sentido psicanalítico. E isto não é difícil nem muito complexo. Pois se a idéia de representação implica o sentido de dramatizar algo, o conceito psicanalítico de representação se define como uma *re-apresentação*.

O que é isto? A re-apresentação psicanalítica seria a emergência de algo que ficou recalçado e que agora volta à tona. Não é simplesmente algo que se esta apresentando, mas aquilo que veio ao cenário de nossa consciência nos trazendo informações que estavam ocultas. (Sant'Anna, 1985, p.31).

Após tudo o que foi exposto, se nos afigura que *O Testamento do Sr. Napumoceno* tem a proposta de apresentar uma visão analítica, crítica, humorística e real do contexto no qual estava inserido o autor. Percebemos, ao olhar para a trajetória histórica de Cabo Verde, que sua expressão literária reflete momentos psicológicos de seus grupos sociais, alternado o riso e o riso, tal como se verifica na história da expressão literária brasileira em momentos semelhantes. Dessa forma, ao se vislumbrar uma expressão literária como refletora de tendências e mentalidades coletivas, podemos cotejar as maneiras pelas quais o estudo de tais expressões viabiliza possibilidades de leitura da História, e ainda de que forma pode subsidiar a apreciação da literatura em contextos específicos, como a sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Germano. *O Testamento do sr. Napumoceno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- AS ILHAS DA MORABEZA, em http://www.aucv.rcts.pt/Word/CABO_VERDE_SITE_FINAL_REVISTO.pdf
- CHIAPPINI, Ligia. LEITE, Moraes. A tipologia de Norman Friedman In: *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1991.
- LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase e Cia*. 2ed. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: *Nas Manchas da Letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, págs. 44 a 60.